

Veronica Stigger

Opisanie świata

AMOSTRIP

TORBSILHAS

– Pois não aplaudas nada, disse-lhe mansamente a mulher. Queres fazer-me um obséquio? Vamos à Europa, em março, ou abril, e voltemos daqui a um ano. Pede licença à câmara, donde quer que estejamos – de Varsóvia, por exemplo; tenho muita vontade de ir a Varsóvia, continuou sorrindo e fechando-lhe graciosamente a cara entre as mãos. Diga que sim; responda, que é para eu escrever hoje mesmo para o Rio Grande, o vapor sai amanhã. Está dito; vamos a Varsóvia?

MACHADO DE ASSIS, Quincas Borba

Tu sais qu'Ubu se passe en Pologne, c'est-à-dire nulle part.

MICHEL FOUCAULT, carta a um amigo,
22 de novembro de 1958

Para Ivo, meu pai

AMOSTRA

HOW TO BE HAPPY IN WARSAW

O tipo era atarracado, braços e pernas como pequenas toras. O rosto, redondo, circundado por grossos fios de cabelos castanho-escuros, cortados na forma de um capacete – um estranho corte de cabelo que acentuava ainda mais a rotundez da face. A parte inferior da barriga protuberante não se continha dentro da camisa vermelho-sangue: saltava para fora por baixo e pelas aberturas entre os botões produzidas pela pressão do corpo roliço sob a justeza do tecido. De magriço, o tipo só tinha o bigode: fino, longo e com as pontas levemente viradas para o alto. Não era moda e nem chegaria a sê-lo, mas era assim que ele gostava de usá-lo. Embora fizesse calor naquele mês de agosto, trazia sobre a camisa vermelho-sangue e a calça clara de linho um longo quimono de seda espalhafatosamente estampado, que, de tão comprido, arrastava no chão e levava consigo poeira, areia, pedrinhas e toda sorte de detritos que porventura encontrasse pelo caminho. Carregava, com esforço, quatro malas de tamanhos diferentes: duas em cada uma das mãos e duas debaixo dos braços truncados. Ao ver Opalka sentado num dos bancos da estação, lendo compenetrado o jornal, sorriu feliz. Acelerou o passinho, tropeçou na barra do quimono e se espatifou no chão a apenas alguns passos do banco. Com a queda, arremessou involuntariamente para a frente suas malas, que se esparramaram defronte a Opalka, fazendo barulho. Como num boliche, as quatro

malas derrubaram o pequeno baú de Opalka, o qual, por sua vez, caiu sobre a sua cesta de limões, virando-a. Os limões – uma dúzia – rolaram todos para fora. Um deles avançava, célere, em direção ao vão dos trilhos, enquanto os outros já tinham estancado embaixo do banco, entre as pernas de Opalka e em torno da cesta e do baú. O tipo, que havia se levantado num salto, se jogou ao chão, como se mergulhasse numa piscina, para tentar conter o limão. Mas foi em vão: o braço, muito curto, não conseguiu alcançá-lo, e o limão, enfim, tombou sobre os trilhos. Opalka, que, admirado, acompanhava a cena por cima do jornal, fez então menção de juntar os limões restantes. Mas o tipo, que já estava em pé novamente, espanando com força seu quimono espalhafatoso, esticou a mão espalmada, fazendo sinal para que Opalka não se movesse. Sem obedecê-lo, Opalka depositou o jornal no banco a seu lado e abaixou o tronco. Quando ia pegar um dos limões que estava próximo a seu pé esquerdo, o tipo fez novamente um sinal com a mão e gritou em alemão:

– Pare!

Opalka, surpreso, deteve-se, encarou o tipo e ergueu novamente o corpo, desistindo do limão. O tipo sorriu-lhe e, mancando, recolheu a cesta do chão e foi recolocando dentro dela, um a um, os onze limões. Opalka pegou o jornal e voltou a lê-lo. Depois de encher a cesta, o tipo levantou o pequeno baú, bateu-lhe vigorosamente com a mão direita para livrá-lo da poeira e o depôs encostado no banco, ao lado dos pés de Opalka. Este tirou por um momento sua atenção do jornal e olhou de soslaio para o tipo. O recém-chegado estava agora acomodando suas próprias malas. Ele as organizava por ordem de tamanho e bem na frente do banco em que estava Opalka: a menor delas ficou

aos pés deste e a maior diante do lugar que escolheu para se sentar. Finalmente o pequeno homem tomou assento ao lado de Opalka, que o olhou de lado, discretamente. O tipo analisava cada partezinha de seu quimono e, vez por outra, estalava a língua no céu da boca e balançava a cabeça para os lados, contrariado. Opalka não conseguia mais prestar atenção no jornal. Observava o tipo, que, depois de muito estalar a língua no céu da boca e balançar a cabeça para os lados, abaixou o tronco em diagonal em direção ao chão, a fim de alcançar a menor de suas malas. Como não se levantara do banco, passou o corpo por cima dos joelhos de Opalka, que comprimiu o jornal contra o peito para evitar que fosse amassado pela cabeça do outro. Este, por sua vez, remexia e remexia e remexia em sua mala, sempre grunhindo e suspirando. Sem encontrar o que procurava, levantou-se e foi até ela. Abaixou-se diante dela e voltou a remexer, introduzindo parte de sua cabeça no interior da mala. Opalka sacudiu o jornal, como se assim pudesse desamassá-lo, e voltou a ler. Mas sua atenção foi novamente interrompida; desta feita, por uma exclamação de júbilo, que vinha de baixo:

– Ah!

Opalka espiou mais uma vez por cima do jornal e lá estava o tipo em pé, segurando uma faca numa mão e uma maçã, como se fosse um troféu, na outra. Ele se sentou a seu lado e, antes de comer, virou-se para Opalka e lhe perguntou em polonês:

– Posso ajudá-lo?

Ao que o outro, tirando mais uma vez os olhos do jornal, disse, também em polonês:

– Como?

O tipo franziu a testa, ofereceu a maçã para Opalka e repetiu:

– Posso ajudá-lo?

Opalka abaixou o jornal, encarou o tipo e respondeu, também em polonês:

– Desculpe. Mas creio não tê-lo entendido.

O tipo suspirou fundo e olhou para os lados, como se procurasse alguém a quem pedir ajuda. Olhou para sua mala pequena e, em seguida, para as próprias mãos, ora ocupadas pela faca e pela maçã. Opalka, percebendo a inquietação do outro perguntou-lhe, ainda em polonês:

– Posso ajudá-lo?

O tipo se virou para Opalka e franziu novamente a testa. Na dúvida, estendeu-lhe a maçã, balançando-a levemente, deixando evidente, com o gesto, que lhe oferecia a fruta. Opalka, fingindo não ver a maçã que o outro lhe apresentava, repetiu:

– Posso ajudá-lo?

O tipo, sem dizer palavra, fitou Opalka e em seguida fitou a maçã e a faca, que continuavam em suas mãos. Opalka largou o jornal no banco a seu lado e estendeu os dois braços em direção às mãos do sujeito, fazendo sinal com os dedos para que este último lhe passasse a maçã e a faca. O tipo sorriu satisfeito e lhe entregou a fruta e o utensílio. Depois limpou uma mão na outra e foi até sua mala pequena. Remexeu nela mais uma vez por um certo tempo, enquanto Opalka o observava, de faca e maçã nas mãos. Finalmente, tirou de dentro de sua mala um guia de viagem dedicado a Varsóvia, em inglês, e dois cadernos de anotação pretos, visivelmente em uso. Voltou a se sentar ao lado de Opalka, virando veloz e ruidosamente as páginas

do guia. Folheava para lá e para cá e parecia não achar o que procurava. Volta e meia estalava a língua no céu da boca e grunhia coisas incompreensíveis num idioma não identificável. Irritado, fechou o guia e o colocou sobre o banco, bem em cima do jornal de Opalka. Cruzou as pernas e pegou os dois cadernos pretos de anotação. Folheou um. Folheou outro. Voltou a pegar o primeiro, desta vez virando as páginas mais lentamente, até que parou numa delas. Um imenso sorriso abriu seu rosto, que já estava ficando carrancudo. Voltou-se para Opalka e ia lhe falar quando percebeu que este estava com a maçã e a faca nas mãos. O tipo, que segurava o caderno preto na mão direita, esticou a mão esquerda para tomar de volta a maçã e a faca. Opalka lhe entregou a maçã, mas não conseguiu lhe passar a faca porque a mão do outro, muito pequena, não dava conta das duas coisas ao mesmo tempo. O tipo devolveu a maçã a Opalka e acomodou o caderno sobre as pernas. Para mantê-lo aberto na página que lhe interessava, depositou sobre ele o outro caderno preto fechado. Feito isso, pegou a maçã e a faca de volta. Virou-se para Opalka e, lendo no caderno, disse em polonês:

– O senhor está servido?

Opalka sorriu e agradeceu, também em polonês:

– É muita gentileza sua, mas não. Muito obrigado.

Em seguida puxou o jornal, que estava sobre o banco, debaixo do guia de viagem, e tentou continuar a leitura. O tipo, por sua vez, descascou toda a maçã antes de cortá-la em pedacinhos pequenos, os quais enfiava na boca e mastigava feliz. Opalka não conseguia sair da mesma página – já havia lido três vezes o mesmo parágrafo –, porque o ruído da mastigação do outro o desconcentrava. Buscava,

pela quarta vez, entender o que estava escrito quando foi surpreendido por uma nova agitação. O tipo, que acabara de encontrar um bicho em sua maçã, levantou-se para arremessar a fruta e a faca em direção ao vão dos trilhos, enquanto gritava, furioso, em sua própria língua:

– Um bicho! Que nojo!

Ele caminhou até a beira da plataforma e cuspiu, nos dormentes, a massa informe de maçã mastigada.

– Que nojo! Que nojo! Que nojo!

Ele enfiou, então, o dedo médio da mão direita na garganta e forçou o vômito, que não veio. Preparava-se para repetir o gesto quando Opalka, que assistia a tudo incrédulo, tentou evitar o desfecho desagradável, dizendo-lhe em português:

– Não faça isso. Não é preciso. Não será um bichinho de maçã que irá lhe fazer mal.

O tipo se deteve. Espantado, virou-se para Opalka e lhe falou, também em português:

– Mas o senhor fala português! Por que não me disse isso antes?

– Porque eu não sabia que o senhor falava português – respondeu Opalka. – Como ia adivinhar?

– O senhor sabe que –

O barulho do trem chegando à estação abafou a voz do tipo, impedindo que Opalka ouvisse a conclusão de sua frase. Quando o trem parou, Opalka disse, a partir de então sempre em português:

– Chegou o nosso trem.

E, diante da grande quantidade de malas que o tipo carregava, perguntou-lhe:

– Posso ajudá-lo?

O tipo agradeceu a gentileza, mas rejeitou a ajuda. Opalka apanhou o pequeno baú e a cesta com os onze limões, onde colocara também o jornal, e subiu no trem. De dentro de sua cabine, olhou pela janela e viu o outro derrubando as quatro malas no chão. Ele tentava pegar as duas maiores segurando as duas menores debaixo dos braços curtos e truncudos, mas não dava certo. Quando se abaixava para apanhar as malas maiores, as menores invariavelmente caíam. Opalka colocou o jornal amassado no bolso de seu terno branco de verão e desceu do trem. Aproximou-se do tipo e lhe disse:

– Deixe-me ajudá-lo.

Sem dar tempo ao outro para responder, apoderou-se de uma mala pequena e de outra grande e subiu no trem. O tipo, que não parava de lhe agradecer o gesto, subiu atrás, trazendo as duas malas restantes em cada uma das mãos. Opalka o deixou passar à frente e, depois, o seguiu até sua cabine. Lá, depositou nos bagageiros superiores as duas malas que ajudara a trazer. O tipo tentou fazer o mesmo, mas seus braços curtos não alcançavam o alto. Opalka lhe tomou as malas remanescentes e as acomodou ao lado das outras. Feito isso, estendeu a mão direita para o tipo e se despediu, desejando-lhe boa viagem. O tipo apertou-lhe efusivamente a mão, retribuindo o cumprimento. Opalka, então, dirigiu-se à sua cabine. Chegando lá, tirou o chapéu e se sentou à janela. Pegou o jornal do bolso do casaco de seu terno, deu-lhe um safanão na tentativa, inútil, de desamassá-lo e voltou a lê-lo, esperando o trem partir.

Dele, minha lembrança mais viva será sempre metropolitana e cosmopolita. Surpreendi-o no meio de sua volta ao mundo; a menor, que principiou em Santos, a bordo de um Maru, e passou por Varsóvia, depois de tocar em Capetown, Sumatra e Vladivostok. A maior foi nas terras do Sem Fim da Amazônia. Naquele dia, na estação, ele chegara sem mais, ignorando todos os outros bancos desocupados e se acomodando ao meu lado (ele não conseguia ficar sozinho e, muito menos, quieto). Das valises ainda marcadas pelas etiquetas e poeiras da Transiberiana (catorze dias entre Vladivostok e Bjelo-Sjelovskaya), onde foi chamado Lafcádio (lembrança de Lafcádio Hearn, o amigo de exotismos), emergiram aos poucos os meteoros familiares. A colossal moeda de bronze com meia libra de peso, o manuscrito de um longo poema no qual trabalhava (ele tinha lá suas veleidades literárias), o quimono de legítima seda xiang-yun-sha, o chapéu tropical, a caveira pré-histórica para servir de cinzeiro, a Constituição da República argentina (“*Artículo primero: no hay artículo primero*”), as três latas de caviar Molossol, um guia de viagem *How to be happy in Warsaw* e uma quantidade absurda de cadernos de anotação. Em breve, tudo se dissiparia, porque Bopp se mostrou, ao longo de nosso tempo de convivência, perdulário e dadivoso. Tudo, menos o quimono comprado em Xangai, que presta

serviços à noite porque tem um dragão dourado, bom para espantar espíritos maus. O guia ficou comigo. Eu devia dá-lo a meu filho para quando ele pudesse ir à Polônia me visitar.

AMOSTRA

Querido pai,

peço desculpas por escrever-lhe novamente. Não encontro sossego. O tempo passa, as dores aumentam e não sei se o senhor virá me ver. Talvez seja cedo demais para esperar uma resposta sua. Talvez minha primeira carta nem tenha chegado ao destino. Ou talvez tenha. Não sei.

Queria muito vê-lo. Queria sentir seu cheiro e olhar demoradamente seu rosto, um rosto que deve se parecer com o meu. Sei que sou como o senhor. Mamãe sempre me dizia isso. Venha, por favor. Venha o mais rápido que puder. Estou aqui lhe esperando, como nunca esperei ninguém.

Despeço-me agora, pois estou sem forças para continuar a ditar esta carta. Aguardo-o ansiosamente.

Do seu filho convalescente,

NATANAEL

p.s: Juntei a esta carta a única fotografia que guardo de mim com mamãe. Tenho ali, creio eu, um ano de idade. Repare como eu e mamãe olhamos fixamente para a câmera do fotógrafo. Estou com os olhos exageradamente arregalados e ela, linda, com os cabelos presos num coque alto, parece triste. Os olhos dela não

brilham e uma ruga corta-lhe a testa. Aos nossos pés, está Frida, a macaquinha que o senhor deixou conosco. Nossas roupas eram emprestadas, e o fundo, uma paisagem falsa.

AMOSTRA

AMOSTRA

HOJE! ESTRÉA NO BRAZ!!! CIRCO LILIPUTINIANO e CIDADE DOS ANÕES

Os espetáculos mais sensacionais do anno para o Brazil!
Apox o grande successo no Casino Antarctica,

GRANDE ESTRÉA — 4.ª-Feira dia 2 de Agosto — Hoje
Armado á RUA BARÃO DE LADARIO — ATRAZ DO
THEATRO COLOMBO — BRAZ

30 Anões — 16 Ponys — 26 casas minúsculas formando
a mais original das cidades, para visita do publico

ACROBACIA — EQUITAÇÃO — BAILADOS — COMICI-
DADE — ORIGINALIDADE

Os melhores espetáculos para creanças.

FUNÇÕES DIARIAMENTE

HORARIOS: 1.ª sessão ás 19 horas — 2.ª sessão ás 20,45

5.ª-FEIRA — GRANDE VESPERAL ás 16 HORAS

— SABBADO — 2 VESPERAES: — ás 13,45 e 15,45 —

PREÇOS: — Frisas 25\$000 — Cadeiras 4\$000 — Creanças
2\$300 — Archibancadas 2\$300 — (imposto incluso)

— BILHETES A' VENDA A PARTIR DAS 10 HORAS! —

ANO NOVO

O trem mal havia partido quando o tipo entrou na cabine de Opalka, exultando:

– Ah! Finalmente o encontrei! – exclamou com os dois braços abertos.

Opalka, que lia absorto o jornal, levou um susto com a aparição inesperada. O tipo, sem pedir licença, sentou-se novamente a seu lado.

– Esqueci de perguntar seu nome.

Sem dar tempo para uma resposta, levantou-se, parou à frente de Opalka e estendeu a mão direita.

– Eu me chamo Bopp. Muito prazer.

Opalka, com um suspiro, fechou o jornal, se pôs de pé e, apertando a mão de Bopp, respondeu:

– Eu sou Opalka. Prazer.

Bopp fez sinal com a mão para que Opalka retomasse seu lugar à janela. Opalka se sentou e Bopp se acomodou a seu lado, indagando sem qualquer cerimônia:

– Onde o senhor aprendeu português? Não é comum um polonês saber português. O senhor é polonês, não é?

– Sim, sou.

– Pois então, não é comum um polonês saber português. E o senhor fala muito bem a língua. Muito bem. O português não é uma língua difícil, mas também não é propriamente fácil. Ainda mais para um polonês. Há fonemas bem diferentes. Mas o senhor pronuncia tudo perfeitamente.

Opalka não respondeu. Apenas sorriu e inclinou levemente a cabeça em sinal de agradecimento. Depois, abriu novamente o jornal na esperança de voltar a lê-lo. Bopp ensaiou falar, mas percebeu que Opalka não estava prestando atenção. Chegou então mais perto. Seu ombro encostou no ombro de Opalka, que o olhou de esguelha. Curioso, Bopp espichou o pescoço para o lado, buscando ver a notícia que Opalka lia. Seu rosto ficou a poucos centímetros do rosto de Opalka, sua respiração incidia sobre a bochecha deste, que fazia de conta não estar sentindo nada, embora estivesse. Com Bopp em cima de si, Opalka não conseguia se concentrar na leitura, mas seguia fingindo que lia atentamente. Bopp abaixou a cabeça até perto do jornal, como se tivesse dificuldade para enxergar as pequenas letras impressas. Opalka revirou os olhos e suspirou fundo. Bopp se curvou ainda mais, interpondo-se quase que totalmente entre Opalka e o jornal. Opalka recuou o tronco, liberando espaço para a intromissão de Bopp.

– Não adianta! Não consigo entender polonês! – falou, num repente, Bopp, corrigindo a postura e encarando Opalka. – É difícil. É muito difícil. Infinitamente mais difícil que português ou alemão.

Opalka assentiu com um leve movimento de cabeça. Sacudiu o jornal e voltou a lê-lo. Bopp, sem saber o que fazer, passou a examinar Opalka. Observava-o tão atentamente que parecia estar contando as rugas de seu rosto. Em seguida, escrutinou todos os cantos da cabine, como se buscasse ali o lugar mais apropriado para esconder um tesouro. Levantou-se, foi até a janela e ficou um tempo em pé olhando para fora, para os campos que não tinham fim. Com o balanço do trem, seu quimono voejava suavemente